



Jane Patrícia Haddad, ao falar sobre a educação inclusiva: “o professor não é vítima nem herói, ele é humano”

Janice Morici

específica, fruto de um processo com falhas desde o início, deixa uma lacuna. A pedagoga ainda destaca que há limitações também na escola e nos próprios professores – “ele [o docente] é humano”, afirma –, e alerta para a necessidade imediata de mudança do olhar para o processo de inclusão. Para ela, que é autora dos livros *Educação e Psicanálise: Vazio existencial* e *O que quer a Escola: Novos olhares resultam em outras práticas*, ambos publicados pela editora Wak, e atuou por mais de 22 anos em escolas como professora, coordenadora pedagógica e diretora, a abertura para a discussão do tema deve partir de gestores, coordenadores e professores. E sugere: “busquem a teoria da psicanálise para fazer uma interlocução com a educação.”

Gestão Educacional: O que é síndrome e o que é deficiência? Há confusão entre os conceitos?

Jane Patrícia Haddad: Existem várias confusões entre esses conceitos, inclusive a própria medicina tem debatido muito isso. Na área médica, muitas pessoas colocam que elas estão ligadas a funções biológicas, químicas e hereditárias. Acontece que as síndromes têm aparecido muito na educação. Para os médicos (ou grande parte deles), síndromes envolvem sintomas-sinais de doenças originárias por diferentes causas e apresentam diferentes sintomas. Não há uma única explicação. Já em relação às deficiências, desde 1980, no Brasil, a Organização Mundial de Saúde traduziu para o Português um sistema de classificação para tantas deficiências. Não é à toa que já estamos na 14ª edição, onde caem algumas antigas classificações e entram outras novas. Entender as deficiências de acordo com a medicina é verificar qualquer perda ou anormalidade da estrutura fisiológica, psíquica, anatômica. Muitos médicos as classificam de acordo com o “manual”. Mas tem uma grande confusão e é impor-

A INCLUSÃO NA BERLINDA

A pedagoga e psicanalista Jane Patrícia Haddad defende a revisão de conceitos e alerta para as limitações do professor e da escola para lidar com a realidade

A pedagoga e psicanalista Jane Patrícia Haddad, em entrevista exclusiva à *Gestão Educacional*, destaca a importância do educador abrir os olhos para a existência de síndromes e deficiências e para os seus impactos na educação. Polêmica, ela provoca os envolvidos no processo educativo a pensar na inclusão a partir da exclusão e convida cada um, principalmente o professor, a repensar conceitos e a encarar de frente suas próprias limitações. Ela explica que existe uma confusão entre os conceitos de síndrome e deficiência, e como isso influi na educa-

ção. A partir de questionamentos sobre a definição de aluno especial e da falta de um processo de inclusão eficiente, onde o desenvolvimento intelectual do indivíduo possa ser priorizado, Jane aponta os caminhos que vêm sendo traçados e lança perguntas ainda sem respostas.

A realidade da escola, que hoje recebe estudantes com síndromes como Down, Asperger e alunos autistas, sem muitas vezes contar com professores preparados para isso, é definida como preocupante pela entrevistada. “Os professores estão adoecendo”, resalta Jane. A falta de uma orientação

tante que a educação entenda isso não como a medicina vem entendendo, como uma forma de classificar o aluno. O papel da educação não é o de entrar na etimologia, nas diferenças de síndromes.

Gestão Educacional: Mas a escola não precisa entender as particularidades dos alunos de acordo com a sua síndrome ou deficiência?

Jane: Precisa entender para poder fazer a diferença e não para dizer “este aluno só vai até aqui”, já que a síndrome dele ou a deficiência não “permitirá que ela desenvolva x, y, z”. Penso que é preciso conhecer e acolher todos os alunos, sejam eles especiais ou não. Os educadores têm muito a aprender com crianças diferentes, mas para isso será preciso encontrar uma cura para a “deficiência”, que se chama: “pré-conceito”. E é muito triste dizer que esta parte é muito mais dos adultos do que das crianças. Existem sim crianças com “limitações”, dificuldades, mas acredito que cada ser humano tem uma via de comunicação. O problema é que em nossa formação só nos ensinaram a lidar com alunos “bons”.

Gestão Educacional: Na sua opinião, o que é um aluno especial?

Jane: O que é especial? São as crianças que pensam e as crianças que agem diferente? Eu sou pedagoga, fui formada para entender o que uma criança desenvolve dentro de uma determinada idade e de um momento. Na educação, especial é aquela criança diferente. Ela é tão diferente que ela é especial? Isso é a inclusão? A minha questão na educação hoje, ora entendida, ora mal entendida, é provocar. O educador foi formado para receber um aluno que se desenvolve, só que na minha concepção e na fundamentação da psicanálise que eu tenho buscado, a criança só vai

se desenvolver se ali tiver um sujeito, senão nós vamos continuar desenvolvendo crianças objetos. É preciso que reconheçamos que há um sujeito, com uma história, traços e traumas que nos chegam à escola. Quem é essa criança no desejo dos pais?

Principalmente se ela for uma criança diferente do que eles esperaram. Como ela foi acolhida no mundo? Olhada? Um exemplo: como ajudar uma

criança a se desenvolver se até então ela sempre escutou “ter problemas” e jamais vai conseguir ser alguém independente do outro? Muitas crianças ditas agitadas, retardadas, limitadas ou com síndromes diversas já trazem com elas o rótulo (até onde elas poderão ir). Quando falo em desenvolvimento é necessário primeiro reconhecer que ali há um sujeito que precisa se estruturar psiquicamente.

Gestão Educacional: O educador está preparado para entender esses conceitos?

Jane: Não, porque o próprio educador também é um sujeito, com a sua história, suas limitações, e a grande barreira que eu vejo hoje na educação é que todo mundo quer uma resposta. E o professor, ele não é nem vítima nem herói, ele é humano. Estamos diante de um momento novo, em que não há respostas prontas e sim a possibilidade de construções e reconstruções. O que o professor quer hoje é ser entendido para poder entender o aluno. Só que eu acredito que o momento educacional é de mútuo desentendimento. Não adianta a sociedade, o mundo, continuar buscando culpados por aquilo que não temos mais respostas. O que está acontecendo é que essas crianças ditas especiais – como autistas, Síndrome de Asperger, Down e Tourette – estão passando pela escola, porque a lei exige que elas

possam estar ali. Minha pergunta é: elas estão ali incluídas no processo educacional ou estão segregadas no fundo da sala com a sua tutora? Várias escolas que presto consultoria pedem que as famílias do aluno especial contratem alguém e arquem com

“O PROBLEMA É QUE EM NOSSA FORMAÇÃO SÓ NOS ENSINARAM A LIDAR COM ALUNOS ‘BONS’”

o valor, fora a mensalidade, para ajudar na inclusão do seu filho. Falar que isso é certo ou errado é muita presunção da minha parte, já que acredito que

os professores não estão sendo preparados nas universidades e mesmo em suas formações para lidar com tantas diferenças em um único espaço que comporta 30 a 40 crianças, com tempos e ritmos diferentes.

Gestão Educacional: Toda síndrome ou deficiência afeta o desenvolvimento intelectual do sujeito?

Jane: Desde que a criança seja classificada como portadora de síndrome ou deficiência, pode haver um comprometimento intelectual sim. O que eu vejo é que nós não estamos preparados para atuar junto à criança que traz consigo alguma síndrome, deficiência, transtorno, nem sempre é fácil admitir o diferente. Se eu partir de um ponto que o autista não entende metáforas, como é que eu, enquanto professora, vou trabalhar com ele se, na maioria das vezes, falo por metáforas? Tem uma autista canadense, que hoje faz palestras, que nos prova isso ao dizer: “meus pais a vida inteira falaram para eu entrar na linha, e eu passei dias procurando a linha e nunca encontrei”. Quem é que tem uma deficiência intelectual, eu ou ela? De qual ponto de vista? Alguém me ensinou sobre isso? Algum professor na Universidade me falou que uma criança autista muitas vezes não suporta toque, porque ela se assusta e muitas vezes reage batendo. Isso quer

dizer que ela é agressiva? Acredito na educação, a vejo como um caminho a ser percorrido, desde que os caminharantes sejam educadores que acreditem no seu tabalho, apesar de tudo... Que estudem, chorem e principalmente que errem muito para, em algum momento, acertar. Professor é profissão e, na minha opinião, uma das mais desafiadoras e compensadoras. Vale lembrar: vivemos em uma sociedade que nos permite escolher: ser ou não professor. Quem não deseja, aconselho que busque outra profissão, financeiramente talvez vocês ganhem muito mais e emocionalmente, então, nem se fale!

Gestão Educacional: A deficiência deve ser entendida como limitação?

Jane: Na grande maioria, sim; irá depender dos sintomas, se há uma patologia, de que tipo e como poderemos ajudar, já que essa criança pode trazer limitações físicas, psicológicas... E essa criança é colocada em uma sala de aula em que o professor não conhece as diversas síndromes, transtornos e, às vezes, nem os normais. Essa criança pode ter uma limitação intelectual, mas pode ser muito boa no trabalho manual. Em que momento eu vou priorizar esse trabalho manual com a criança numa sala de aula com 40 alunos que não aprendem dessa forma? Eu fico me perguntando: ela tem limitação sim, mas de que forma que eu vou ajudá-la? Dando massinha, sem um objetivo? Dando argila para ela relaxar? Se eu ligar um ventilador numa sala de aula com uma criança autista, ela pode ficar desorientada, alguém nos falou isso? O momento é de nos perguntarmos: como estamos fazendo inclusão? Quando pedimos os tais diagnósticos é para orientar nosso trabalho ou apenas para nos sentirmos melhores por não estarmos conseguindo muito progresso com determinadas crianças?

Gestão Educacional: O que deve pautar a inclusão para que esse processo ocorra de maneira eficiente?

Jane: Por que a educação está tendo que falar de inclusão? Porque ela excluiu. Como falar de inclusão numa escola do século 18 e 19, que ainda sobrevive hoje em pleno século 21? Mantemos alunos sentadinhos, em silêncio, e ainda os classificamos por notas. Sem contar a célebre pergunta: o que você vai ser quando crescer? A inclusão tem que começar primeiro por mim, por você, pelo político, pelo dono da escola, pelo pai, porque todo mundo é diferente, pensa diferente e age diferente. Talvez, eu tenha que desenvolver uma noção de cuidado para pensar a educação: é impossível eu me colocar no seu lugar, já que minha história é diferente da sua, mas eu posso me colocar ao seu lado, eu quero aprender com você, eu posso aprender com você a te ajudar. Incluir é poder pensar diferente sem fingir que pensamos iguais. É reconhecer que não sei, mas posso tentar. Tem um caso interessante numa escola em que eu era coordenadora: havia duas amigas e, numa reunião pedagógica, uma discordou da ideia da outra e elas nunca mais se falaram. E aí eu me pergunto: como falar de inclusão numa escola com essas pessoas? Nós, seres humanos adultos, temos que aprender com as crianças, talvez esse seja um caminho para a inclusão. Como incluir alguém se existe a possibilidade que ele se torne uma pessoa melhor do que eu. Hoje, se eu fosse dar uma dica para a educação, eu diria: busquem uma interlocução com a psicanálise. É preciso entender que todos nós e nossos alunos trazemos o inconsciente, algo que não conseguimos nomear, algo que nos remete ao não saber. A psicanálise nos provoca a lidar com um sujeito que está ali, mas traz com ele também seu inconsciente. Quando nós

começarmos a levar isso em conta, acredito que a educação começa a reconhecer sua limitação e seus discursos prescritivos.

Gestão Educacional: Como a senhora avalia a estrutura da escola (pública e privada) para o processo de inclusão?

Jane: Não dá para negar que a educação está a serviço de um mercado. Isso é real, não vou ser ingênua de falar que eu não quero preparar a minha filha para o mercado de trabalho. Mas, além do mercado de trabalho, eu preciso de outras questões também como solidariedade, respeito, amor e um outro sujeito atuando no mundo. Como a escola pública pensa isso: “ah, então eu vou implantar a educação para a paz”. Eu escutei outro dia: “aqui na minha escola não há conflitos”. Eu quase caí para trás e falei: “então, não há pessoas, porque onde há pessoas, há conflitos”. O conflito é inerente ao ser humano, a vida em sociedade. A questão é como gerir, como gestar uma nova forma de se relacionar com o outro, seja na escola pública, na escola privada, nas ruas, na casa. Os problemas são os mesmos, só mudam as lentes. Nas escolas particulares, é porque o pai paga e acha que pode exigir que o professor “devolva” o filho pronto para ingressar em uma ótima universidade. Já na escola pública, quando o aluno consegue terminar o ensino médio, ele praticamente se dá por satisfeito. A grande questão que deixo: tantas síndromes, deficiências e transtornos não nos sinalizam nada? **G**

+Na web

Veja vídeo com trecho da entrevista em www.youtube.com/gestaoeducacional ou leia o código ao lado em seu *smartphone* ou *tablet* (é preciso baixar um aplicativo leitor de códigos QR).

